

PADRE MIGUEL, UM “SANTO” CAJURUENSE.

José Antônio de Ávila Sacramento

A aftosa dizimava os rebanhos nas redondezas do distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru. Não havia remédios e nem vacinas que evitassem o mal. Eis que, de repente, alguns sitiantes locais se lembraram de recorrer ao padre; talvez ele pudesse rezar, pedindo a intercessão divina contra aquela doença:

- *Padre Miguel, o senhor tenha dó de nós, o nosso gado tá morrendo...*
- *Meus filhos, tragam lá da venda mais ou menos um quilo de sal.*
- *Mais padre... e a reza?*
- *Não tem mais nem menos, tragam-me o sal...*

Assim fizeram. Uma oração em latim, a benção “Ad majorem Dei Gloriam”, o sinal da cruz e pronto:

- *Podem levar! Dividam esse sal. Ao chegarem às suas fazendas, misturem um pouco no sal de lá e vão dando ao gado... E que Deus os abençoe. São Miguel os levará sob a proteção das Suas asas!*



Ficaram surpresos com o que o padre disse, pois lhe pediram uma reza e ele vinha com essa conversa de mandar dar o sal para o gado. Mas como não custava nada tentar, tudo foi feito conforme o padre recomendou. O gado, à medida que ia lambendo o sal, melhorava a olhos vistos, até que todo o rebanho não apresentasse mais os sintomas daquela febre. Wainer de Carvalho Ávila relatou-me que o avô dele, o “Chico Porteira (Francisco Moreira de Carvalho), tinha pavor de febre aftosa, mas é voz corrente que seu Chico, vendo a peste rondar seus pastos, dava ao gado sal benzido por Pe. Miguel e dormia em paz.”¹

De outra feita apareceram umas lagartas vorazes, as quais comiam toda a plantação d’uma horta de couves... Já haviam jogado todo tipo de veneno nelas e nada, os bichos não morriam e já principiavam comer até o capim dos pastos. Aí, então, ocorreu a idéia de solicitarem ao padre uma divinal providência:

- *Pode voltar para lá, meu filho! Pede a sua mulher para pegar um regador, encher com água da bica e molhar os bichinhos...*
- *Mas padre, eu já joguei até veneno neles e não adiantou nada...*
- *Ora, vá até lá e faça o que eu estou lhe pedindo! “Age quod agis”...*

¹ Eu, ainda menino, acompanhei o meu pai José Colombo de Ávila e o meu tio Mário Moreira de Carvalho para levarem o sal para o pe. Miguel benzer. Sou testemunha de que depois de o gado lamber o sal, a aftosa não o atacava mais, desaparecendo por completo até mesmo daquelas rezes já infectadas! Os fazendeiros da região de S. Miguel do Cajuru, S. S. da Vitória, Rio das Mortes, sobretudo os mais antigos, confirmam com muita naturalidade este fato.

Mesmo não entendendo a segunda parte, tudo foi feito conforme a instrução. Já no primeiro regador d'água que foi jogado as lagartas foram morrendo e as outras, mesmo as que não foram atingidas, também pereceram².

Entre os habitantes do distrito de São Sebastião da Vitória há registros de fatos semelhantes, relativos a hortas de couves que se antes eram atacadas por formigas, inexplicavelmente, depois que o padre as benzia, o formigame desaparecia por completo ou, se continuassem a transitar pela horta, nunca mais cortava um pé de couve. Alegam que o padre recomendava para que não jogasse veneno nelas, “pois elas também teriam o direito de viver”. Um desses fatos aconteceu na horta de couves de Hipólita Maria de Jesus, casada com Olímpio (de tal); lá os mais variados tipos de venenos não causavam resultados contra as formigas cabeçudas, mas a bênção do padre resolveu a questão³.

Contam que certa vez um diabo começou a aparecer lá pelos lados da Restinga⁴. Era numa velha fazenda, na beirada do Corredor Real, uma das variantes da Estrada Real⁵, onde ocorriam estranhos fenômenos: animais ficavam enfurecidos sem motivos aparentes, coisas caíam sozinhas e se espatifavam no chão, vozes misteriosas e barulhos estranhos eram ouvidos, principalmente à noite; lá acontecia tudo mais que dizem que o Demo sabe fazer... Até os automóveis que se aventuravam naquelas imediações enguiçavam ou o motor rateava... Chamaram rezadores, benzedores e nada; um padre esteve por lá, rezou muito, mas não pôde com aquele espírito; de quebra, ainda foi escorraçado pelo coisa-ruim, com a ameaça de que se ele ali voltasse, alguns indesejáveis segredos da sua vida seriam revelados. Alguém, então, felizmente, se lembrou de mandar chamar o padre Miguel... Dizem que assim que o padre chegou ao local e começou a rezar, ouviram um enorme estrondo, sentiram um forte cheiro de enxofre, ao mesmo tempo em que alguma coisa subiu violentamente por um coqueiro, chegando a vergar-lhe o tronco. Então, desde aquela ocasião, dizem que o diabo não ousou mais a incomodar por aquelas bandas.

Wainer Carvalho Ávila, advogado, ex-deputado estadual e pesquisador da nossa história rural, sempre escreve os artigos intitulados “Quanto Custa Não Fazer?”, os quais são publicados no jornal Tribuna Sanjoanense⁶. Num desses artigos registrou que:

Em 1947 houve eleição para prefeito, a primeira da ditadura Vargas. Dirigia o Município o Sr. Cristóvão Braga, do PR. Apresentaram-se duas chapas: Manoel Esteves e Tirado Lopes, pela UDN, e Oswaldo Torga e Belizário Leite pelo PSD de Augusto Viegas e Tancredo Neves. Os votos para o prefeito e vice eram independentes e saiu vitorioso o PSD. A eleição do vice foi impugnada e em início de 1948 o STE anulou as urnas de Arcângelo e Nazareno, com a diplomação,

² Este depoimento oral foi feito por Benedito Miguel de Ávila (vulgo “Tinho”), fazendeiro do distrito de S. Miguel do Cajuru.

³ Depoimento oral de Sebastião Alexandrino de Ávila.

⁴ Tradição oral de antigos moradores do distrito de São Miguel do Cajuru.

⁵ Magnífico produto turístico idealizado pelos são-joanenses Oyama de Alencar Ramalho e Átila de Carvalho Godoy, projeto atualmente adotado pelo Governo de Minas e pelo Instituto Estrada Real.

⁶ As edições do jornal Tribuna Sanjoanense que contém os artigos da lavra de Wainer Ávila e serviram a este artigo são as datadas de 14 de maio de 2002, 05 de junho de 2002 e 09 de julho de 2002.

pela justiça eleitoral, do candidato Tirado Lopes, da UDN de Mateus Salomé. O município passou a ter a dobradinha PSD-UDN... A primeira festança comicial foi em Vitória⁷, onde meu avô, Tônico do Curtume, era o delegado, por ato da UDN. (...) A festa de meu avô delegado teve como saldo um cadáver (...) Numerosa e brilhante comitiva se dirigiu para a citada Vila (...) Logo começaram a aparecer elementos da outra facção bastante exaltados e com o firme propósito de perturbar a festa.(...) José Ascendino, valendo-se da situação e aos gritos de que era do PSD, vibrou violenta facada nas costas de João Pereira da Silva. Não contente Ascendino, após ter se afastado uns 20 metros voltou novamente para vibrar outra facada na vítima já em franca agonia, revelando seu espírito perverso e sanguinário. João teve poucos instantes de vida...

Em outro artigo, também publicado na Tribuna Sanjoanense, Wainer escreveu:

O defunto, saldo da festa, era de Capela do Saco⁸ e de apelido João Pataca (...) A vítima, com o pulmão duplamente transfixado, caiu na calçada de minha tia Maria do Nhonhô, que não estava no almoço porque era vieguista, e teve morte confirmada pelos médicos José e Orestes Braga, Aristóteles Barros e Manoel Esteves. Tinha início, naquele instante o milagre que ainda deixa arrepios e vai de pai para filho, acompanhado do Sinal da Cruz. Dois filhos de tia Maria, Walter e Geraldo Lopes⁹, neste momento fazem-me a retrospectiva da ação extraordinária de Padre Miguel Afonso Andrade Leite, que acabara de batizar e vinha pela rua lamacenta, com as botinas afundando no barro. (...) Pataca, testado e atestado, sem sopro de vida, por quatro doutores, diz Geraldo, estava em cima do banco grande da sala de jantar, em decúbito dorsal, com as mãos postas sobre o tórax, segundo a tradição católica. O padre literalmente fora de razão, molhado, elameado, batina rasgada e presa na cintura para facilitar-lhe os movimentos, brandia um relho inseparável de açoitar a mula que o levava entre as paróquias de Cajuru e Vitória, suas freguesias de religião e coração. (...) Então o vigário, exibindo lucidez e fé, ergueu os olhos ao céu e disse, colocando as mãos espalmadas sobre as do cadáver: "Sua alma só verá a Deus se você,

⁷ Distrito são-joanense de São Sebastião da Vitória.

⁸ Povoado que fica localizado no município de Carrancas-MG, separado da Vila de Caquende pelo lago da represa de Camargos, formada pelo Rio Grande. A origem desse povoado está ligada a D. Júlia Maria da Caridade, uma das três ilhoas, antiga proprietária da Fazenda do Saco. A fazenda foi a primeira sesmaria doada pelo rei de Portugal Dom João IV na região. O nome *Saco* se deve ao formato das curvas do Rio Grande, que lembram um saco aberto. D. Júlia da Caridade construiu a capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. O ano provável da construção é 1802. A Fazenda do Saco foi vendida e, em 1879, as terras foram doadas à Capela e a quem desejasse formar ao redor dela um povoado.

⁹ Visitei o sr. Geraldo Lopes em sua residência (Rua Santo Antônio, 840, nesta cidade), na data de 03 de fevereiro de 2004, ocasião em que ouvi dele este relato. Ele nasceu em 1921 e na época do episódio estava com 27 anos. Fiquei surpreendido com a convicção que ele demonstrou ao me confirmar o acontecimento, com riqueza de detalhes. Saí da casa daquele homem com a nítida impressão de que ele não mentia. Relatou-me também outros prodígios do pe. Miguel, como o de um menino que havia se engasgado com uma prata e como não havia meio dela sair, foi levado à presença do padre, pela mãe que estava desesperada. O padre pediu calma e começou a dar uma bênção; antes mesmo de terminá-la o menino já havia vomitado a moeda.

João, perdoar os agressores e receber a santa comunhão.” Os médicos viram aí indícios de desequilíbrio do sacerdote. Era possível aquele homem falar, ainda mais ingerir um corpo sólido? A igreja não era perto. O padre saiu correndo, escorregando, aos tropeções e regressou com a custódia e o óleo dos enfermos, no bojo de um guarda-chuva fechado, as relíquias protegidas da tempestade. Geraldo se lembra dos médicos sussurrando: “Colega! Se há milagres, sem dúvida seremos testemunhas de um.” O padre mandou que erguessem um pouco a cabeça do homem e falou muito forte: “Em nome de Deus, João, eu te ordeno que respondas SIM ao perdão para os seus algozes.” João continuava inerte, pálpebras cerradas conforme um dos médicos fizera. Geraldo diz que aquele padre não era o mesmo que celebrava e confessava docemente seus fiéis. Parecia possuído por alguma coisa, coisa ruim ou boa, ninguém ousava fixar seu rosto. Ele parecia muito mais alto. Suas palavras não saíam de sua boca e ele repetia, sem parar, que João Pataca ia responder SIM. Houve um momento em que parecia que João abria os olhos, como se cumprisse um ritual e aquiescesse, fitando o padre. Este não aceitou e disse que só valia o SIM pronunciado, ao som da voz, com o movimento dos lábios, tendo a certeza do perdão de João para os assassinos e o perdão de Deus para João. O impossível começou a acontecer, estava acontecendo. Todos tensos, muitos chorando. João balbuciou. Geraldo disse ter ouvido a palavra SIM. O padre ordenou que todos se ajoelhassem e pediu à dona da casa uma caneca d’água de talha. Introduziu, abrindo a boca de João com os dedos, a hóstia entre os lábios roxos e hirtos, segurou-lhe a cabeça contra o peito e ordenou, agora com brandura, que aceitasse Jesus. Despejou um pouco do líquido e aí se ouviu um murmúrio como barulho de vento entre os circunstantes. “Nós vimos o movimento do pomo de adão daquele homem.” Os médicos se ergueram e foram saindo, molhando-se na chuva torrencial. Ninguém falou. Deram-se as mãos. O padre estava rezando, murmurando súplicas a Deus, em latim. Proferia a extrema unção... Requiescat in Pace. João agora estava morto.

Sebastião Alexandrino de Ávila¹⁰ me relatou algumas passagens interessantes a respeito do virtuoso padre Miguel:

O pe. Miguel Afonso de Andrade Leite, apesar de não gozar de boa saúde, se destacou por uma vida santa e se tornou um valioso instrumento nas mãos de Deus, alcançando inúmeros milagres. Conduziu a Paróquia de São Sebastião (da Vitória) de 1942 até 1951. Tendo se desentendido um casal de sua paróquia, que acabou se separando, ele envidou todos os esforços para reconciliá-lo, mas foi inútil. O pai da mulher que se separou do marido, não aceitou a mediação do

¹⁰ Sebastião Alexandrino de Ávila é Promotor de Justiça aposentado, reside na cidade de Prata, Triângulo Mineiro (Rua João Pinheiro, 54, Centro). Nasceu no distrito de S. Sebastião da Vitória e foi um dos coroinhas do Pe. Miguel; afirmou-me que o sacristão da época era o sr. Otaviano José de Oliveira. O caso relatado por Wainer foi também confirmado por ele, acrescentando que um dos médicos que lá estavam chegou a dizer ao padre Miguel que, infelizmente, ele havia chegado muito tarde com os últimos sacramentos e que já “havia até assinado o atestado de óbito”, pois fazia mais de meia hora que *João Pataca* estava morto. Alexandrino pretende editar um livro sobre a história do distrito de São Sebastião da Vitória, no qual ele comenta sobre o virtuosismo do pe. Miguel. Estes depoimentos orais aconteceram em dezembro de 2003, quando da visita dele a São João del-Rei.

sacerdote no caso e exigiu que ele se retirasse de sua casa. Discutiram muito e ele se tornou inimigo fidalgo do padre. O fazendeiro, movido pelo ódio, resolveu eliminar o santo sacerdote. Combinou com seu peão uma emboscada para matá-lo. Munidos de dois revólveres, foram cercar o padre e seu irmão, num local chamado “Restinga”. Quando passaram a cava, os assassinos pularam na frente dos cavalos, seguraram nas rédeas e detiveram os animais. Com as armas apontadas para o padre e o seu irmão, deram o ultimato, nestes termos: — ‘Reze a sua última Ave Maria, daqui o senhor só sairá morto’. O padre tirou seu chapéu eclesiástico e o colocou virado na cabeça do arreio, de copa para baixo, fechou os olhos e orou baixinho. A seguir lhes disse: — ‘Obrigado por terem me deixado rezar! Pensem bem o que pretendem fazer, porque vocês são livres e inteligentes. Depois tomem a atitude que julgarem melhor’. Os dois descarregaram as armas contra o sacerdote. As balas detonadas foram cair dentro do chapéu, na cabeça do arreio e nada aconteceu ao padre. A notícia se espalhou. Perguntei ao padre se realmente havia acontecido o fato, ele tirou o lenço do bolso e mostrou as balas detonadas. O peão matou o patrão, depois respondeu pelo crime e morreu louco na prisão¹¹.

Sebastião Alexandrino continuou contando outras passagens interessantes da vida de Pe. Miguel, valendo-se da prodigiosa memória:

No sítio da Lagoa Verde, que fica a sete quilômetros de Vitória, vivia a família do sr. João Fidélis e d. Conceição, composta de nove filhos: Cecília, Antônio, José, Maria, João, Conceição, Miguel, Benedito e Teresa. Lá aconteceu um fato extraordinário, que me foi narrado pelo homeopata sr. Antônio Francisco de Carvalho, vulgo “sr. Tônico do Cortume” e confirmado pelas testemunhas Euclides José de Ávila, Antônio Fidélis, irmão da moça e o sr. Otaviano, o sacristão. Maria, na fase terminal da tuberculose, sentindo a morte bem próxima, pediu à sua mãe que mandasse buscar o padre para confessar e comungar. Era domingo. Como não acharam o padre de Vitória, Antônio chamou o sr. Euclides para que fosse com ele ao Cajuru, e quando lá chegaram o padre Miguel estava celebrando a missa. Terminada a função religiosa o reverendo veio ao encontro dos dois e disse para o Antônio: — ‘Meu filho, não precisa dizer mais nada; sua irmã faleceu por volta das nove horas... dirijam até o pasto, peguem o animal, arriem-no que irei atender ao desejo de Maria’. Chegaram ao sítio lá pelas 17 horas, quando a mãe veio ao encontro do padre, chorando e agradecendo a sua presença, mas que já era tarde demais, pois ela falecera na parte da manhã e já estavam aguardando o caixão para sepultá-la: — ‘Deus quis levá-la antes que o senhor chegasse para atendê-la em confissão...’. O padre postou-se em frente da falecida e ordenou: — ‘Filha, pelo poder e misericórdia de Deus, levante-se que irei atender ao seu desejo’. Então a moça sentou-se na mesa e abriu os olhos. Foi um tumulto intenso, quem teve pernas correu! Outros caíram... O sr. ‘Tônico do Cortume’ admoestou: — ‘Padre, veja o que o senhor aprontou! Levantou uma e derrubou o resto!’. O padre deu uma bênção, atendeu a moça em confissão e lhe deu a comunhão. Logo depois chegaram com a urna e quase todos os que lá estavam acompanharam o cortejo fúnebre até o campo santo!...

¹¹ Já havia ouvido este caso anteriormente, contado pelo Sr. Afonso de Andrade Leite, o irmão que estava com o padre. Afonso morava no Cajuru e já faleceu.

Alexandrino narrou-me mais um fato que ouviu do seu tio, João Anastácio, que morava no Engenho de Serra¹². Contou-me que após a celebração de um casamento na Capela do Caquende, padre Miguel se dirigiu à casa dos noivos. Parabenizou-lhes e manifestou o desejo de tomar um copo de vinho com eles. Os recém-casados, gente humilde decerto, se sentiram apertados com a situação e pediram ao padre que esperasse um pouco, pois mandariam buscar uma garrafa de vinho para servi-lo. O padre não deixou ninguém sair da sala, voltou-se para o filtro, orou e fez o sinal da cruz; pediu dois copos e começou a servir os noivos, falando que era para todos os convidados se servirem do vinho à vontade. Todos beberam, mas ninguém se embriagou. Ao final o sacerdote também bebeu um pouco do vinho, tornou a fazer o Sinal da Cruz na direção do filtro, que voltou a ficar cheio de água. João Anastácio estava presente no casamento, chegou a saborear dois copos daquele vinho e disse para o seu sobrinho que naquele momento se lembrou das Bodas de Caná, na Galiléia¹³.

Sebastião Alexandrino contou ainda que uma criança, filha de um tal de “Capiiau” engoliu uma farpa de arame enquanto estava brincando. A mãe, desesperada, correu com ela para a cidade. Pela radiografia o médico constatou que a farpa havia estacionado no estômago da criança, com as pontas presas nas paredes do órgão. Medicou o menino e recomendou que ele fosse operado o quanto antes para a retirada do corpo estranho. Sendo pobre, a mãe do menino entrou em desespero e dirigiu-se ao pe. Miguel, chorando e contando que não tinha condições financeiras para mandar operar o filho. Depois de ouvi-la, o padre pediu calma, fez uma prece em voz alta e deu uma bênção no garoto. Logo após traçar sobre ele o Sinal da Cruz, o menino deu um forte tossido e a farpa caiu no chão, coberta de sangue. Sebastião emenda este relato com outro e com mais outros, alegando que se fosse para contar todos os milagres que o santo sacerdote alcançou de Deus nós ficaríamos muito tempo conversando...

Outros fatos, ditos inexplicáveis para a ciência, aconteciam com frequência e a fama de virtuoso do padre Miguel corria de boca em boca. Ele rezava e confortava os doentes, aliviava as dores, cicatrizava as feridas¹⁴ e exorcizava; o sal que ele benzia continuava sendo utilizado como antídoto para a aftosa e de outras doenças do rebanho. Nas horas de aflição, quando o nome dele era invocado, as coisas sempre se ajeitavam. Alguns já reconheciam a santidade dele em vida. Curas eram atribuídas a ele. Cobras, abelhas ou marimbondos não o picavam, mesmo que ele bulisse com eles; contam que já o viram conversando com um Beija-Flor. A água que ele benzia se convertia num poderoso refúgio para os perigos e incertezas da vida. Diziam até que

¹² Topônimo de uma localidade da zona rural do município de São João del-Rei.

¹³ Foi nas bodas de Caná, segundo a tradição cristã, que Jesus Cristo, pelo seu comparecimento, estabeleceu o sacramento do matrimônio.

¹⁴ Este escriba, com cerca de 09 anos, foi acometido de umas feridas infecciosas na altura do pulso direito. Médicos e mais médicos examinaram e receitaram sem obterem sucesso. Fui levado por um tio (Mário Moreira de Carvalho) ao pe. Miguel para que ele desse uma bênção. Depois disso, como que por encanto, as feridas cicatrizaram completamente. Lembro-me que o caso foi diagnosticado por um médico do Regimento Tiradentes como sendo Esporotricose, uma infecção causada pelo fungo *Sporothrix schenckii*. O *Sporothrix* é geralmente encontrado em roseiras, arbustos, musgos e outras matérias vegetais. Ainda tenho as cicatrizes daquela lesão.

ele parlamentava diretamente com São Miguel. À noite ele costumava caminhar ao redor da igreja lá do Cajuru, carregando tições em forma de cruz e fazendo suas pregações em alto latim; às vezes subia no muro do adro, e, nas horas mortas, pregava eloqüentemente, em latim, para o povo do arraial, que já dormia. Alguns o acharam maluco e forçaram a ida dele a Barbacena, para um desumano tratamento psiquiátrico.

Wainer conta que foi batizado por três vezes. A primeira pelo avô¹⁵, a segunda pelo padre Miguel e a terceira pelo monsenhor Almir de Resende Aquino depois de crescido, quando já estava com 21 anos, na Catedral do Pilar. Teria sido batizado ainda pequeno, se não fosse a negativa do pe. Pedro Onclin:

...O padre encenou um sermão tão violento (...) além de jogar todas as pragas em Adolf Hitler e os exércitos arianos. Falou que a humanidade caminhava para a extinção total, o Armagedom, tudo por causa de nomes como o daquele inocente. Que era hediondo o que estavam fazendo com a criança, que o Inferno de Dante era pouco, que com aquele nome alemão, nazista, algoz da raça judia, não fazia batizado algum, nem que Deus descesse das alturas. Que só aceitava fazer o batismo, assim mesmo em nome da salvação eterna, se pusessem no menino o nome de Adão, pai da raça humana.(...) Pe. Miguel, informado do drama familiar, pela intransigência e radicalismo entre o religioso e meu pai, e que a criança continuava pagã naquelas roças do 'Manelarve'¹⁶, cristãmente decidiu intervir, cuidou que eu tivesse o renascer espiritual da fé. Foi à fazenda em sua inseparável mula ruana sem nada cobrar, nem ideologia, nem etnia, nem etimologia e poupou a minha mãe do temor do limbo bíblico e da rusga conjugal pela teimosia do meu pai com o maldito nome. Em 1961 houve surpresa ainda maior, meio folclórica, com a criação da diocese de São João d'El-Rey. O bispo Delfim Ribeiro Guedes ordenou que todos os batizados realizados por Pe. Miguel Afonso de Andrade Leite, de Cajuru, fossem referendados na pia batismal...

As pessoas, sobretudo as que viviam no campo, imaginavam que a criança quando não batizada, se viesse a morrer, ficaria permanentemente no Limbo, conforme a crença cristã¹⁷.

Certa vez aconteceu um crime em Januário (povoado que fica próximo ao distrito de S. S. da Vitória). Certo Antônio de Paula matou o Antônio Absalão, conhecido popularmente por *Missalão*, que era um “perverso aproveitador de mulher casada”. *Missalão* vivia amasiado com a mulher de Evaristo, a *Lica*, que era irmã do Antônio de Paula. Devido a traição o Evaristo sofreu muito. Com o tempo ele foi ficando louco, dizem que possuído pelo demônio:

¹⁵ Wainer corria perigo de morrer logo após o parto e por isso foi batizado às pressas, pelo avô, pouco depois de vir ao mundo.

¹⁶ Fazenda do Manoel Alves, distrito de São Sebastião da Vitória, onde nasceu Wainer. Era conhecida popularmente por Fazenda do “Manelarve”, no nosso “dialeto mineirês” da zona rural.

¹⁷ Na religião cristã era crença geral que se os recém-nascidos ficassem sem o sacramento do batismo e morressem iriam para o Limbo, que era a morada das almas que mesmo não tendo cometido pecado mortal, estavam afastadas da presença de Deus, por não haverem sido remidas do pecado original pelo batismo. Na nossa zona rural essa crença era e ainda é difundida e respeitada.

Sem feitiço o Missalão foi chegando e encantando com a Lica. Depois do feitiço ela ficou pelo que ele mandasse e desmandasse. Ele entrou na casa dela e fazia o que queria. Todos esconjuravam, mas baixinho, com medo. Falar nem pensar. O que Missalão fazia na frente de todos era de causar sofrimento. Dormia na casa da coitada, mulata jovem, na frente de criança e, enfeitiçado e com a moral abalada pela vergonha, enlouqueceu o pobre Evaristo. Ficou possesso, doido e perigoso de ninguém chegar perto. A Lica era casada com o Evaristo, o que perdeu a razão. A mulher estava dominada pela paixão, fora de si, trancada em casa. O Evaristo louquejou integral, demente virou bruxo do inferno de dar medo. Parecia ter orelhas pontudas, de longe, e andava em cima da cerca de arame farpado como se tivesse pata bifurcada, fazia coisas que só no Livro de São Cipriano. Não comia nem bebia água. Mordia era em casca de pau. (...) Evaristo amanheceu no alto de um imenso pinheiro andando até nas pontas dos galhos mais finos, sem despencar. Só pode ser pela força do mal. Ninguém podia fazer aquilo. Os que justificaram o bandido foram dar contas ao Sô Quinca do Engenho e pedir a presença do padre Miguel. O santo homem não aceitou cavalo, andou léguas a pé e ao ver Evaristo soube que não era coisa deste mundo. Evaristo fugia do padre blasfemando e pondo nele tudo quanto era nome de baixeza, numa linguagem esquisita. O padre mandou que todos se aquietassem. Avisou que o possuído ia obedecer, não a ele, mas a Deus. “Ele vai vir aqui onde estou, Deus seja louvado.” Ele rezou em Aramaico, afirma Joaquim, e o homem que parecia uivar veio se arrastando e pôs a cabeça nas botinas, sujas de terra, de padre Miguel. O padre glorificando a Deus. Evaristo ficou livre da ‘coisa’. “Voltou a ser o homem educado de antes. Só então reconheceu o padre e lembrou-se de dizer a sua mulher, Lica: — Olha quem está aqui! Faça depressa um cafezinho, é o santo padre Miguel! Evaristo morreu de velho, trabalhando e honrado”, finalizou o Juiz de Paz de Januário. “A palavra de Deus se cumpriu, pela boca de padre Miguel Afonso.



Impedido pelo bispo de exercer a sua missão religiosa no Cajuru, a saúde de padre Miguel parece que ficou ainda mais debilitada. Numa conversa com o então bispo Delfim ele foi muito acuado e humilhado; chorou e chegou até mesmo a levitar¹⁸, enquanto clamava para ficar junto dos cajuruenses, aos quais devotava imenso amor; nem assim conseguiu ser compreendido e, com o coração em dor, humildemente submeteu-se às ordens superiores, que lhe determinavam muitas penitências. Há relatos de que depois disso o padre começou a usar sob a sua batina um apertado cinto, cheio de pequenos pregos, com as pontas viradas para o corpo, para auto supliciar; outros relatam que ele mandava cravar pregos no calcanhar da sua botina,

¹⁸ José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000) afirmou ter ouvido este relato do padre José Zamagna que acompanhou a conversa não muito amistosa do bispo com o padre Miguel, ocasião em que o padre escutava tudo muito humildemente. Zamagna disse ter se assustado muito quando o padre Miguel pareceu flutuar do outro lado da sala; olhou por baixo da mesa e os pés dele estavam distantes do chão; o bispo ao perceber o que acontecia ficou de olhos muito arregalados e imediatamente parou de inquirir o padre... O fato de uma pessoa levitar-se, ou erguer-se por cima do solo, sem que nada visível a sustenha ou suspenda, deve de ser mesmo fantástico!

deixando as pontas propositalmente ferirem-lhe o calcanhar, como forma de auto flagelação. Quando questionado sobre esses assuntos, desconversava sempre ou afirmava ser aquilo uma necessária forma de penitência, de mortificação etc...

Padre Miguel Afonso de Andrade Leite nasceu em 29 de setembro de 1912, no distrito de São Miguel do Cajuru. Era filho de Francisco Afonso de Andrade Leite e de Afonsina Batista de Carvalho. Neto paterno de Francisco Afonso de Andrade e de Maria Feliciano de Andrade e, por parte da mãe, de José Batista de Carvalho e Guilhermina Leite de Andrade. Foi para o Colégio do Caraça; cursou teologia e filosofia no Seminário dos padres da Congregação São Vicente de Paula, em Petrópolis, onde se ordenou em 13 de fevereiro de 1938. Celebrou a sua primeira missa cantada aos 22 de fevereiro de 1938, no distrito de S. Miguel do Cajuru. Não foi ainda possível precisar a causa de sua saída da Congregação dos Padres Lazaristas. Tornou-se sacerdote da Arquidiocese de Mariana. Foi pároco de São Miguel do Cajuru, São Sebastião da Vitória (aproximadamente de 1942 a 1950) e da Paróquia de São José, em Barbacena. Faleceu em 30 de setembro de 1976, na Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei, em consequência de coma diabético, diabetes melito, insuficiência renal e arteriosclerose generalizada.¹⁹ No velório o fragilizado corpo dele quase que ficou despido na urna, já que os fiéis tentavam cortar a sua batina e levar para casa os pequeninos retalhos, os quais se transformavam em relíquias milagrosas. O corpo dele foi sepultado no cemitério de São Miguel do Cajuru.

O pe. Miguel, quando invocado, ainda opera muitos milagres. Da sepultura dele, lá no cemitério do arraial bandeirante da “Boca do Mato” dizem brotar um santo óleo, miraculoso, que de lá só pode ser retirado pelos que ainda têm muita fé...

Ainda existe, no distrito de São Miguel do Cajuru, a casa onde nasceu e viveu o pe. Miguel. O histórico imóvel fica defronte da Igreja, é uma das casas mais antigas do local e está em processo de tombamento pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural. Na casa, num dos cômodos, está depositada uma pequena biblioteca do falecido padre; o acervo, ainda desconhecido, nos causa preocupação quanto ao seu destino e conservação²⁰. No interior da Igreja, dentro de um armário, ainda existem em boas condições de conservação alguns paramentos que eram utilizados por ele (estes também estão tombados pelo Patrimônio Municipal). No adro foi erigida uma herma em sua homenagem²¹.

¹⁹ Certidão de nascimento: Cartório do Distrito de São Miguel do Cajuru, livro A-003, folhas 104, termo 026. Certidão de óbito: Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais do Município de São João del-Rei, livro 26 C, folhas 254, termo 516.

²⁰ Eu e o prof. Oyama de Alencar Ramalho já nos pronunciávamos veementemente junto à família do falecido padre, preocupados com a situação de abandono daqueles livros. A situação permanece como antes, com a agravante de que a casa agora está fechada, fato que facilita a deterioração daquele acervo documental.

²¹ Na herma há uma placa com os dizeres: Homenagem ao padre Miguel Afonso de Andrade Leite - Nascido em 29.09.1912 / Ordenado em 13.02.1939 / falecido em 30.09.1977. Houve um engano nas datas de sua ordenação e morte, já que a ordenação dele foi em 13 de fevereiro de 1938, em Petrópolis, e em 22 de fevereiro a data de sua primeira missa cantada, em S. Miguel do Cajuru. Já a data de falecimento que lá está registrada (30.09.1977) entra em desacordo com a da certidão de óbito, que registra o falecimento em 30 de setembro de 1976.

Mais recentemente, em 01 de março de 2004, a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação, inaugurou no distrito de São Miguel do Cajuru uma Escola de 1ª à 8ª série, antiga reivindicação daquela comunidade, fato que possibilitou aos jovens daquelas redondezas estudarem próximo do local onde vivem, dispensando a difícil e onerosa necessidade do transporte deles até a sede do nosso Município. Atendendo ao meu argumento em reconhecimento a uma das pessoas mais importantes já nascidas naquela Vila, foi dado àquela Escola o nome de “Escola Municipal Padre Miguel Afonso de Andrade Leite”.

Os relatos dos milagres de padre Miguel, as provas de curas efetuadas por seu intermédio, a realização de exorcismos, os suplícios e as penitências a que o virtuoso padre se submetia, além de outros acontecimentos inexplicáveis pela ciência já me parecem ser bastante suficientes para ser iniciada, na nossa Diocese, a provocação da instrução de sua causa como Servo de Deus, segundo as normas vigentes²². Ao ser introduzida esta causa, com o exame dos escritos, a oitiva de testemunhas e a instrução dos milagres, o exame do processo junto à Congregação para a Causa dos Santos poderá possibilitar a beatificação e posterior canonização²³ do virtuoso Pe. Miguel.



²² Há pré-requisitos para abertura do processo canônico: qualquer católico, sem distinção de raça ou condição social, que tenha falecido em odor de santidade, pode ser proposto a candidato a santo, desde que possua os seguintes requisitos: a) fama de santidade; b) exercido as virtudes cristãs em grau heróico; c) inexistência de obstáculos insuperáveis contra a canonização. Benedito XIV definiu o conceito de fama de santidade, na qual o Pe. Miguel se enquadra perfeitamente: “É a opinião geral, manifestada publicamente, de uma maneira espontânea, pela maior parte do povo, sobre o martírio ou sobre a vida virtuosa e milagres realizados pelo servo de Deus, que induzem ao povo venerá-lo e pedir sua interseção.”

²³ O caminho que é preciso ser percorrido tem três etapas: confirmação das "virtudes heróicas" do candidato, beatificação e depois canonização. É necessária a “constatação de um milagre” para a beatificação e outro para a canonização, com exceção do caso dos mártires. Geralmente é o bispo da diocese a que pertence o "candidato" quem põe em andamento o processo de beatificação. Uma vez feito o pedido, começa uma investigação e são reunidos os depoimentos. Aos Bispos diocesanos compete o direito de investigar acerca da vida, virtudes ou martírio e fama de santidade ou de martírio, milagres aduzidos, e ainda, se for o caso, do culto antigo do Servo de Deus, cuja canonização se pede. O processo para a canonização tem uma primeira etapa na Diocese em que faleceu o Servo de Deus. A segunda etapa tem lugar em Roma, onde se examina toda a documentação enviada pelo Bispo diocesano. Após exame profundo da documentação efetuada pelos teólogos e especialistas, compete ao Santo Padre declarar a heroicidade das virtudes, a autenticidade dos milagres (um para a beatificação e outro para a canonização), a beatificação e a canonização (conf. FALCÃO, Miguel. *A canonização dos Santos, natureza e normas. In Celebração litúrgica, 2002/03, (Agosto-Setembro 200). Pp.1125-1131*)

Fontes de consulta:

BOLETIM INFORMATIVO-Ano VI-Nº 59 - Julho 2002 – Associação de Fiéis do Pe. Donizetti, Pag. 2

FALCÃO, Miguel. Processo de beatificação e canonização de Mons. Josemaria Escrivá, in Celebração Litúrgica, 2002/03, 3 (Mar-Abr 2003), pp.514-517.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro:Objetiva, 2001.

João Paulo II, Const. Apost. *Divinus perfectionis Magister*, 25-I-83, *Proêmio*.

Paulo VI, *Motu proprio Sanctitas clarior*, 19-III-1969, Introdução.

Nota:

Uma outra versão deste artigo foi publicada na *Revista da Academia de Letras de São João del-Rei* – ano 2005, páginas 113-125